

## Educação e resiliência: uma tarefa de toda a comunidade

Pedro Calado - Fundação Calouste Gulbenkian - [pcalado@gulbenkian.pt](mailto:pcalado@gulbenkian.pt)

Em 1999, o Ricardo<sup>1</sup> poderia ser só mais um aluno do 7.º ano. Mais um aluno, de mais uma turma, de mais uma escola onde lecionei. Muito tímido e reservado, trazia sempre com ele um baralho de cartas, com o qual, de forma destemida, desafiava os colegas e alguns professores nos intervalos. Nas aulas a situação era diferente. De forma aparentemente negligente nunca trazia os trabalhos de casa feitos e acumulava resultados negativos nos testes da maioria das disciplinas.

Como seu diretor de turma, decidi ir visitá-lo e à família no bairro onde vivia, num início de noite. Disseram-me, em casa, que estava no Clube Recreativo local. Percebi nesse contacto que era lá que tinha o seu refúgio, rodeado de gente mais velha, do fumo dos muitos cigarros que ambientavam o espaço exíguo e de baralhos de cartas (com os quais havia aprendido com mestria a arte do jogo). Descobri nessa noite que, como em todas as outras, era ali que se exilava da violência daqueles que o deveriam proteger e dele cuidar, até às 23:00 horas, altura em que o Clube encerrava. Pelo caminho ficavam, naturalmente, a geografia, a matemática ou as ciências.

Naquela noite percebi que não há alunos que não sejam a manifestação da comunidade dentro da Escola. Como jovem professor, em início de carreira, comprovei na primeira pessoa aquilo que sabia da literatura. Ali estava a expressão do modelo bioecológico (Bronfenbrenner e Ceci, 1994) que nos ajuda a compreender a influência que fatores ambientais, sociais e afetivos possuem no processo de ensino-aprendizagem de cada criança. Demonstrava-se também naquela criança que todos somos significativamente influenciados pelas interações entre diferentes ecossistemas (indivíduo, família, pares, comunidade), que se sobrepõem a diferentes escalas, aquilo que, anos mais tarde, veio a ser denominado enquanto modelo de promoção da resiliência (Khanlou e Barankin, 2007).

Educar requer uma permanente curiosidade e atenção com cada uma das crianças que conosco se cruza, e um conjunto de recursos dos quais ninguém dispõe sozinho. É uma tarefa que mobiliza família, escola, grupo de pares e organizações locais, aquilo que alguns investigadores designam de “abordagem de toda a comunidade” (*whole*

---

<sup>1</sup> Nome fictício.

*community approach*; Khanlou e Wray, 2014). Nesta abordagem existem muitas outras áreas centrais de uma atuação educativa que vão para lá da mera sala de aula, ou mesmo para lá dos muros da escola.

Esta abordagem relembra-nos que necessitamos de perscrutar cada indivíduo com um olhar atento e amplo, que nos permita perceber que em cada um dos nossos alunos se inscrevem círculos concêntricos a diferentes escalas, que proporcionam mais ou menos fatores de risco e de proteção. Esse olhar requer compreender o indivíduo, a escola, a família e a comunidade, fomentando a resiliência.

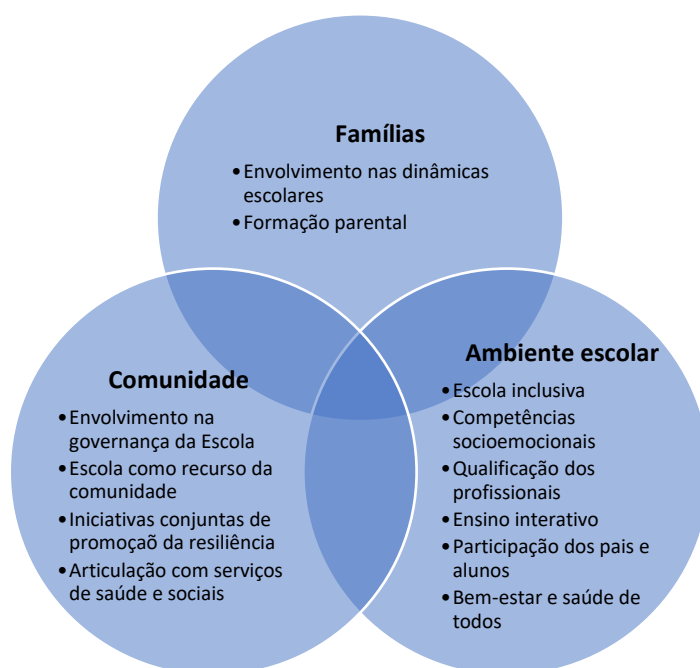


Fig. 1 - A abordagem *whole community* de promoção da resiliência - Adaptado de Khanlou e Wray (2014)

A resiliência tem vindo a ser definida como a capacidade de um indivíduo se adaptar à mudança e a eventos exigentes do ponto de vista emocional, de forma saudável e flexível (Matos, Calado e outros, 2014). A resiliência é identificada como uma característica da juventude que, quando exposta aos múltiplos fatores de risco, mostra ter respostas bem-sucedidas aos desafios, e usa-os para aprender a conseguir resultados. A esta qualidade estão associados os fatores de redução dos impactos do risco, de manutenção de alta capacidade de auto-estima e de eficiência nas ações e comportamentos.

Foi com estes pressupostos que, ainda nesse território educativo, se criou a “Escola dos Afetos”, indo para lá do espaço formal do ensino-aprendizagem, num espaço que nos permitia ver estes jovens como um todo, trazer as famílias à escola e desenvolver

competências sociais e pessoais. No caso do Ricardo foi preciso uma comunidade para resgatar uma vida. Sem o esforço conjunto de diversas organizações que se mobilizaram e colaboraram, das quais a Escola foi apenas e só mais uma, não teria sido possível proteger esta criança e garantir-lhe o direito ao futuro.

Mais tarde, e já no âmbito do Programa Escolhas, de 2001 a 2019, nestes mesmos pressupostos metodológicos, ajudámos a construir nas comunidades redes de apoio à resiliência e de promoção da igualdade de oportunidades nas comunidades mais vulneráveis (Matos, Calado e outros, 2014). Assim tem sido também, e desde 2020, no quadro da Fundação Calouste Gulbenkian, por exemplo através da iniciativa Gulbenkian Aprendizagem (GAP), onde mais de 2.000 alunos foram apoiados na recuperação de oportunidades de aprendizagem que a pandemia penalizou.

Em 1999, por ano, 50% dos alunos abandonavam precocemente a Escola (Ferrão, 2001). Eram mais de 40.000 alunos como o Ricardo. Num momento em que, em Portugal, começamos a atingir metas de combate ao abandono escolar precoce que pareciam impensáveis há duas décadas (8,9% em 2020), importa continuar a aprofundar estratégias (individuais, em família e em comunidade) que garantam que ninguém fica, de facto, para trás.

#### Referências bibliográficas:

- BRONFENBRENNER, U. e CECI S. (1994) - "Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model" *in* Psychological Review 101
- FERRÃO, J. (coord.) e outros (2001) - *Saída Prematura do Sistema Educativo: Aspectos da Situação, Causas e Perspectivas em Termos de Emprego e Formação*, Observatório do Emprego e Formação Profissional, Lisboa
- KHANLOU, N. e BARANKIN, T (2007) - *Growing Up Resilient*, CAMH, Ontário
- KHANLOU, N. e WRAY, J. (2014) - "A Whole Community Approach toward Child and Youth Resilience Promotion: A Review of Resilience Literature" *in* Int J Ment Health Addiction
- MATOS, M.; CALADO, P. e outros (2014) - "Ten years of CHOICES in Portugal: four generations, a real resilient opportunity" *in* Int J Emerg Ment Health